



Violência de gênero no espaço universitário... É preciso falar, reclamar e enfrentar!!!

GENDER VIOLENCE IN THE UNIVERSITY SPACE... WE NEED TO SPEAK UP, COMPLAIN AND FACE IT!!!

Lidia M V POSSAS¹

RESUMO

No tempo presente confrontar os discursos contraditórios de igualdade, autonomia e alteridade existentes nas relações de gênero, no espaço acadêmico é um desafio. Tomei como ponto de partida o “ato de fala” a partir do conceito “figurações de sobrevivência”, que os relatos de Primo Levi (1944), judeu deportado para Auschwitz, em 1944, testemunhou o seu vivido e de um “outro” que não pode narrar. Nesse texto ao debruçar-me sobre as denúncias e narrativas das/dos estudantes frente às situações de assédio e violência física foi possível romper a ideia de uma totalidade, confirmando que os indivíduos são indissociáveis dos laços sociais e ao mesmo tempo resultante de um agrupamento de seus membros, porém sem perder a individualidade de contar, sentir e revelar. A permanência das condições de subalternidade e silenciamento, no caso das mulheres, ainda expõem as relações hierárquicas de gênero, de poder, raça e sexualidade que evidenciam as configurações de si de existências distintas. Nas instituições universitárias mantem-se uma estrutura mecânica, rígida moldada na concepção heteronormativa, racista e LGBTQIA+fóbica afiançadas pelo Estado que deslegitima outras formas de Ser e Existir. A pesquisa sobre Violência de Gênero nos campus universitários nos permite observar as experiências múltiplas e distintas, o “lugar de fala” das sujeitas, sujeitos e sujeitos através da oralidade e da memória como metodologia que permite registrar as “reclamações e as “queixas” e rever sentidos e presenças subjetivas em uma perspectiva decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: Vivências femininas; Figurações de Sobrevivência; Violência de Gênero e Universidade.

ABSTRACT

At the present time, confronting the contradictory discourses of equality, autonomy and otherness that exist in gender relations in the academic space is a challenge. I took as a starting point the “speech act” from the concept “figurations of survival”, which the reports of Primo Levi (1944), a Jew deported to Auschwitz in 1944, testified to his experience and that of an “other” who cannot narrate. In this text, by focusing on the complaints and

¹ Depto^o de Ciências Política e Econômica /DCPE Universidade Estadual Paulista /Faculdade de Filosofia e Ciência/UNESP lidia.possas@unesp.br

narratives of students facing situations of harassment and physical violence, it was possible to break the idea of a totality, confirming that individuals are inseparable from social ties and at the same time resulting from a grouping of its members, but without losing the individuality of telling, feeling and revealing. The permanence of conditions of subalternity and silencing, in the case of women, still expose the hierarchical relationships of gender, power, race and sexuality that highlight the self-configurations of distinct existences. In university institutions, a rigid, mechanical structure is maintained, shaped by the heteronormative, racist and LGBTQIA+phobic conception guaranteed by the State, which delegitimizes other forms of Being and Existing. Research on Gender Violence on university campuses allows us to observe the multiple and distinct experiences, the “place of speech” of subjects, subjects and subjects through orality and memory as a methodology that allows recording “complaints and “complaints” and review subjective meanings and presences from a decolonial perspective.

KEYWORDS: Female experiences; Survival Figurations; Gender Violence and University.

* * *

“O ato de falar é como uma negociação entre aquele que fala e aquele que ouve; levando-se em conta que o ‘ouvir’ é um ato de autorização para quem fala”. Assim, se entende que os que não são ouvidos são privados de pertencimento...”.

(Grada Kilomba, 2016)

O presente texto é fruto do projeto intitulado “*Violência e Diversidade na Universidade: legitimando o lugar de fala e enfrentando as formas de assédio e discriminação*” (2019-2022) que visou analisar as políticas de prevenção e enfrentamento de violência nas relações de gênero diante de práticas de assédio sexual, racismo e de LGBTQIA+fobia que se mantêm nas instituições acadêmicas e que teve como foco as universidades paulistas, ampliadas por universidades parceiras da América Latina, com destaque para Brasil, Chile, México e Peru².

² O projeto desenvolvido pelo Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero/LIEG- UNESP (2010-2022) compreendeu vários sub projetos de Pós Graduação e de PIBIC.

Para tanto, passamos a observar a permanência de denúncias “RECLAMAÇÕES, QUEIXAS” (AHMED, 2021) frente aos inúmeros casos de violência de gênero, racismo nas universidades paulistas existentes nos Relatórios Anuais da Ouvidoria Geral do Estado de São Paulo, a partir de 2015 as divulgadas pela grande imprensa.

Reconheço ser necessário ampliar cada vez mais as pesquisas, a discussão da questão do Assédio para refletir sobre as práticas existentes que sustentam os comportamentos abusivos com a criação de políticas de prevenção, enfrentamento e sensibilização da comunidade acadêmica como um todo (docentes, estudantes e funcionários). Investir cadavez mais em subsídios, conteúdos e ações de natureza pedagógica são no momento as estratégias para enfrentar a “estrutura mecânica” das universidades, as resistências internas que se fecham em si mesma.

Deste modo, as queixas, as reclamações encaminhadas às Ouvidorias Locais², as frases de repúdio escritas nas paredes denunciando situações de assédio, evidenciavam uma realidade onde estudantes na condição de “sobreviventes” passaram a exigir o direito de fala, de contar as experiências vividas diante de situações de violência de gênero e raça, geralmente traumáticas como a importunação sexual e a discriminação em espaços institucionais – no caso acadêmico – e que envolvem as emoções do corpo e da alma de quem fala e constrói as “figurações de sobrevivência” (ELIAS, 2018).

O espaço da pesquisa inicialmente proposto foram os 120 Coletivos³ existentes na UNESP, USP UNICAMP, privilegiando-se, em um primeiro momento, os da UNESP⁴ - sendo em Marília (2)- Botucatu(1) – Bauru (5) diante das manifestações seja individual ou de grupos e que desde 2013, operavam nas Redes Digitais do Facebook

³ As Ouvidorias Locais na UNESP, existem desde 2009, no entanto foram reformuladas a partir de 2020, com a nomeação de docentes ou funcionários em cada um dos campi que devidamente instruídos, orientados pela Ouvidoria Central na Reitoria adquiriram autonomia e maior legitimidade de ação.

(89,8%)e Instagram (6,3%) totalizando-se 8, sendo de natureza Feministas, Feministas/Negros, Negros e LGBTQIA+ entre 2013-2019.

Reconheço ser necessário ampliar cada vez mais as pesquisas, a discussão da questão do Assédio para refletir sobre as práticas existentes que sustentam os comportamentos abusivos com a criação de políticas de prevenção, enfrentamento e sensibilização da comunidade acadêmica como um todo (docentes, estudantes e funcionários). Investir cada vez mais em subsídios, conteúdos e ações de natureza pedagógica são no momento as estratégias para enfrentar a “estrutura mecânica” das universidades, as resistências internas que se fecham em si mesma.

Deste modo, as queixas, as reclamações encaminhadas às Ouvidorias Locais², as frases de repúdio escritas nas paredes denunciando situações de assédio, evidenciavam uma realidade onde estudantes na condição de “sobreviventes” passaram a exigir o direito de fala, de contar as experiências vividas diante de situações de violência de gênero e raça, geralmente traumáticas como a importunação sexual e a discriminação em espaços institucionais – no caso acadêmico – e que envolvem as emoções do corpo e da alma de quem fala e constrói as “figurações de sobrevivência” (ELIAS, 2018).

O espaço da pesquisa inicialmente proposto foram os 120 Coletivos⁴ existentes na UNESP, USP UNICAMP, privilegiando-se, em um primeiro momento, os da UNESP⁴ - sendo em Marília (2)- Botucatu(1) – Bauru (5) diante das manifestações seja individual ou de grupos e que desde 2013, operavam nas Redes Digitais do Facebook (89,8%)e Instagram (6,3%) totalizando-se 8, sendo de natureza Feministas, Feministas/Negros, Negros e LGBTQIA+ entre 2013-2019.

A pesquisa constatou que o início da visibilidade dos Coletivos Estudantis universitários, no caso da UNESP, em redes sociais digitais,

⁴ Criada em 1976 (Institutos isolados); 34 unidades em 24 cidades, sendo 22 no Interior; uma na Capital do Estado e uma no Litoral Paulista (São Vicente).

deu -se a partir de 2010, quando as estudantes passaram a denunciar serem vítimas de comportamentos abusivos de colegas, nos trotes, nas festas e eventos esportivos.

Um fato exemplar e de grande divulgação na imprensa, ocorreu durante o evento InterUnesp, realizado entre 09 e 12 de outubro de 2010 que reuniu centenas de estudantes de todos os campus da UNESP, em Araraquara, cidade do interior paulista e que passou a ser conhecido pelo “Rodeio das Gordas”⁵.

A “brincadeira”, como foi denominada pelos estudantes organizadores, possuía regras de um “rodeio” e foram compartilhadas no ORKUT, uma rede social existente desde 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. A foto das regras foi divulgada pelo blog “Papo Serio Brasil” uma comunidade composta de 66 pessoas. (GODINHO, 2022, p.29)

O incidente reverberou com grande indignação, mobilizando universitárias e universitários, docentes e funcionários de vários campi da UNESP, e que levou a instalação de um processo administrativo disciplinar interno, com a “suspensão de cinco dias a 2 alunos, considerados responsáveis “ por publicarem na *internet*, associando o nome da universidade à conteúdos discriminatório e ofensivo a integridade de alunas participantes dos Jogos InterUNESP”. Também um inquérito foi aberto pelo Ministério Público em Araraquara, para investigar e apurar as responsabilidades. Segundo GODINHO (2022, p.32) a Promotoria de Justiça e Direitos Humanos da cidade determinou que o caso infringia a Lei Maria da Penha que penaliza quem a pratica violência contra as mulheres.

Para nós, pesquisadoras do LIEG/UNESP esse fato “Rodeio das

⁵ Esse evento foi analisado na Tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Pós Graduação de CS, da FFC/UNESP em 2022, intitulada “Descolonizando o Olhar - Representações Visuais e Subjetividades nos Coletivos Universitários contra a Violência de Gênero – 2010-2020. GODINHO, 2020. pg,28-37

Gordas”, foi um divisor de águas, um marco histórico para que as denúncias de casos de violência de gênero deveriam ser enfrentadas através da criação de “comissões internas” e com ações de natureza pedagógica como palestras, seminários, oficinas, principalmente para estudantes ingressantes.

Atividades como o “Festival contra a opressão” foi organizado no campus da UNESP/ Marília, nos dias 03 e 04 de dezembro de 2010 com discussões, manifestações culturais e política e com propostas para o enfrentamento de situações de violência nos campi.

Coletivos de várias Universidades do Estado de São Paulo, como o Coletivo Feminista Dandara da USP/São Paulo que associado ao “Pão e Rosas do Brasil”, ligado à “Agrupação de Mulheres Pan y Rosas” (grupo de mulheres mexicanas) manifestaram-se publicamente em sites e páginas em redes sociais⁶.

A cobertura jornalística de situações de Violência de Gênero/Assédio no Brasil, a partir daquele momento, foi cada vez mais sendo ampliada. O Instituto AVON divulgou uma pesquisa realizada entre 01/2015 à 12/2017, com uma coleta primária sobre os temas: violência contra mulher, mulher, assédio, assédio moral, assédio sexual, assédio, transgênero e transexual e outras “pesquisas seguiram a mesma preocupação nas fontes de RSS, Reclame Aqui, Blogs, Websites”⁷.

Os resultados na época confirmaram, sem dúvida alguma, que havia o fato - o assédio - e que o espaço acadêmico não estava ileso das acusações das vítimas: “Em 2017, o assédio foi o 26º assunto mais comentado na internet. Somente nos últimos 3 anos, as menções cresceram 324%, com destaque para um novo tipo de assédio, o virtual, que cresceu mais de 26 mil%. Entretanto, o debate

⁶ GODINHO, 2022, p. 28.

⁷ Estatisticamente foram mais de 14 milhões de menções espontâneas, postadas e comentadas online nos últimos três anos. <https://institutoavon.org.br/instituto-avon-divulgou-ontem-pesquisa-inedita-sobre-assedio-e-violencia-no-ambiente-digital-no-forum-fale-sem-medo/> Acesso em 2017.

sobre o assédio ainda está mais inserido em discussões gerais sobre graduações e raramente se mantém com o mesmo foco do início. Já as postagens de marcas e coletivos, que tratam da violência, são normalmente bem aceitas e bastante aplaudidas dentro das redes. Há mais unicidade no discurso sobre o combate irrestrito às violências contra as mulheres. (Instituto AVON)

O grande *boon* de denúncias de violência de gênero, veiculadas por estudantes contra docentes deu-se entre 2018 – 2021, recebendo a divulgação pela imprensa. Notícias pipocavam nas redes digitais e, também por jornais investigativos. Como por exemplo: Formandas da UEM protestam contra demora em investigações sobre assédio sexual por professores - G1 - 12/03/2018; Universitárias da Unesp protestam contra professores durante formatura: 'Quero aula, não assédio'- G1 - 16/03/2018; Dez alunas denunciam professor de universidade em SC por crimes sexuais – Isto é/ Estadão Conteúdo - 31/03/2018; Assédio, motel e estupro: os abusos dos professores nas universidades – R7 – 08/04/2018; Professores universitários são demitidos após denúncias de agressão sexual - um dos docentes trabalhava na UFF e outros dois na Federal de Goiás; eles negam as acusações das alunas – Folha de São Paulo - 10/02/2019 e a “Prova do beijo”: professor da UFBA é acusado de assédio sexual e moral por estudantes – Correio/BA – 06/11/2021; Professor universitário do Rio Janeiro é acusado de cometer abusos morais e sexuais nos últimos 14 anos - G1/Fantástico – 12/12/2021. O jornal INTERCEPT – BRASIL/2019, divulgou uma ampla pesquisa intitulada “Abusos no Campus” sobre questões de Violência de Gênero, Assédios Morais e Estupros:

“[...] foi aplicada a 556.550 mulheres vítimas de violência sexual em universidades brasileiras desde 2008; na análise de 209 ocorrências envolveu estudantes, professoras e funcionárias:” os abusos sexuais são cometidos em sua maioria por estudantes (60%) e professores (45%)

reportadas à imprensa ou por movimentos estudantis, em 122 universidades, a maioria pública (88 instituições)”⁸.

O trabalho de pesquisa do LIEG/UNESP seja de projetos PIBIC como de Pós Graduação(doutorado) coletou dados e informações postadas, e deu início a fase de análise e do trabalho com relatos, depoimentos de estudantes – para nos denominadas de ” sobreviventes”, principalmente obtidos nos Relatórios das duas Comissões de Inquérito instaladas pelas Assembleias Legislativa do Estado de São Paulo/ALESP⁹.

Em 2022, como proposta de Atividades Semestral do Grupo de Estudos a do Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero/LIEG, UNESP tomamos como tarefa “Construir Diálogos” a partir da temática “Sobrevivência e Oralidade: "(ins)escrevendo vozes, corpos e existências", de modo a buscar estudos, discussões teóricas e reflexões que integrassem a História e a história oral em uma operação interligada de revisão de abordagens históricas existentes, com a metodologia de “ouvir as queixas e reclamações”. Sara AHMED (2021, p.13) em sua publicação mais recente “*Complaint as Feminist Pedagogy*“, foi relevante, pois nos levou a refletir sobre o que acontece quando uma estudante faz “reclamação!!! E seguindo nessa perspectiva, observamos que na academia neoliberal, os docentes geralmente sobrecarregados de trabalho, e “muita vezessem a energia para apoiar e defender as estudantes que fazem reclamações”, acabam não se interessando pela temática”. Além disso reclamar de situações de

⁸ Acesso em 01/01/20 - <https://theintercept.com/2019/12/10/mais-de-550-mulheres-foram-vitimas-de-violencia-sexual-dentro-de-universidades/>

⁹ A primeira Comissão Parlamentar de Inquérito ocorreu em março de 2015 e a segunda em agosto de 2020. Ministério Público investiga trote em Franca em que calouros juram 'nunca recusar tentativa de coito de veteranos' <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/02/05/mp-investiga-trote-em-francae-que-calouros-juram-nunca-recusar-tentativa-de-coito-de-veteranos.ghtml> (Acesso em 28/05/2021)

assedio, violência psicológica, moral no âmbito universitário não encontra a ressonância e o acolhimento necessário. Fazer uma reclamação parece ser a opção que muitas estudantes na academia consideram uma exigência, embora apenas algumas decidam fazê-lo. Elas precisam ter coragem: *“Complaints are often treated as sticky data: if they stick to you, you fear, you are taught to fear, you will end up stuck¹⁰”*.

Portanto, o campo da pesquisa sobre a violência de gênero, a partir de situações de assédio que desenvolvo nesse texto foi e permanece uma tarefa de embates, de críticas e impedimentos de setores e gestores acadêmicos. Reunir as estudantes que vivenciaram episódios de constrangimentos praticados por docentes é uma estratégia delicada, pois evitam falar por medo, por retaliações ou se o fazem enfrentam muitas dificuldades, pois ficam em uma posição de vulnerabilidade.

Tomar a palavra, colher os relatos de sobreviventes diante de situações de assédio, nos torna cúmplices de situações compartilhadas e com muitas angústias. Nossos esforços de “genderizar” o campo dessa investigação, para além do binarismo, com uma produção de conhecimento decolonial, como ouvir, escutar, lidar com as emoções dos corpos ofendidos, dos efeitos como o medo revelaram várias existências no cruzamento entre público e privado, de silêncios problemáticos e, desafiadores frente à uma instituição cristalizada pela tradição intelectual de uma formação hetero, patriarcal, branca e homofóbica.

O fato é que o material/fontes, principalmente a oralidade, acessados evidenciaram inúmeras versões e a reconstrução da verdade é um ato complexo. Assim foi o caso dos relatos sobre os campos de concentração nazista, constituídos pelas memórias das/os sobreviventes, sendo muitos deles questionados sobre a veracidade. Colocadas à parte

¹⁰ AHMED, na publicação de 2021, “Reclamação – Uma Pedagogia Feminista”, nos alerta que *“As reclamações são muitas vezes tratadas como dados pegajosos: se eles grudam em você, você tem medo, você é ensinado a temer, você acabará excluída/o.”* Esse trabalho ela realizou com e realizou com várias estudantes na *Goldsmiths*, Universidade de Londres sobre situações de assédio, racismo.

a piedade e a indignação que suscitaram e assumir o trabalho de rememoração com um olhar crítico, embora “toda vítima deve ser lamentada e todo sobrevivente deve ser ajudado, nem todos os seus comportamentos, como no *Lager*¹¹, são de 1ª mão, segundo LEVI (1990, p.7).

Elie WIESEL (1928 – 2016)¹², um dos sobreviventes do campo de extermínio nazista de Auschwitz, recebeu o prêmio Nobel da Paz , em 1986, pela sua dedicação em defender a memória do Holocausto, apesar das muitas críticas recebidas de que esse fato deveria ser superado para não fazer “sangrar” ainda mais o passado no presente. É uma de suas frases emblemáticas, que nós pesquisadoras da temática atual tomamos como princípio é: “Quem ouve uma testemunha torna-se uma também”.

As experiências dos/das sobreviventes, seja em distintas temporalidades e espaços, vividas por identidades de gênero, para muito além do binarismo cultural herdado, nos permitiu uma compreensão de outros processos individuais de existência sem assumir astendencias maniqueístas.

Esse foi o meu intento privilegiando o “ato de falar” das estudantes, vítimas de toda sorte de comportamentos abusivos no campo acadêmico, sendo alguns de morte. Grada Kilomba (2016) corrobora ao ressaltar que o “ato de falar” é sempre uma negociação entre

¹¹ Os Lagers, termo alemão que indica os campos de concentração, de extermínio e de trabalho forçado durante o nazismo na Europa. As estatísticas apontam a existência de mais de 20.000 entre 1933-1945. Constituíam um universo concentracionista, complexo onde ser prisioneiros e prisioneiras (as prostitutas escravas com prêmio pelo bom comportamento) ; as relações de poder atuavam de cima para baixo , porém não totalmente. Foram como “laboratórios” como uma estrutura interna complicada e suficiente para confundir os julgamentos e de uma ética moral . Sua criação tornou-se vital para alimentar as frentes de guerra da expansão, com mão de obra usada, reutilizada até a morte. Reproduzia-se a estrutura hierárquica do estado totalitário.’ LEVI, 1990; AGAMBEM, 2008

¹² Judeu de origem romenas, foi Catedrático de Ciências Humanas da Universidade de Boston com passagem pela França e Israel. Defensor dos Direitos Humanos se colocou contra a “banalização” e a indiferença derivada dela refletindo afirmando que “a indiferença, o oposto da vida não é a morte, mas a indiferença ante a vida e ante a morte”. Sua publicação “ A Noite”, é considerada sua obra prima. Foi publicada pela Ed. Sextante, Rio de Janeiro, 19/09/2021. Disponível em <https://www.livrebooks.com.br/livros/noite-elie-wiesel-icbhcgaaqbaj/baixar-ebook>

aquela/aquele que fala e aquela/aquele que ouve, uma vez que ouvir é sempre uma autorização para quem fala. Logo aquelas/aqueles que não são ouvidos ficam privadas(os) de pertencimento e permanecem no silêncio.

Assim como eu e outras pesquisadoras do LIEG/UNESP partimos de uma articulação entre diferentes campos de conhecimento; pensar através de um pensamento interdisciplinar e interseccional. O intento era superar a oposição entre o indivíduo e o mundo que o pensamento moderno estabeleceu em termos opostos e inconciliáveis, sendo que a ideia de uma totalidade seja por nos recusada : os indivíduos são indissociáveis dos laços sociais, que nos leva a conceber a sociedade como resultante de um agrupamento de seus membros, como entidades supra-individuais, exteriores. Assim a proposta é uma aproximação na centralização psicológica do Ser, do Existir e as estruturassociais.

As figurações sociais, escritas pelo testemunho, de muitos dos “sobrevivente” carregou as práticas históricas de enunciação criadas na figura do judeu (o caso de Primo Levi, em “É isso um Homem?”)¹³ no plano da condenação moral como os impactos da crença e da propaganda nazista no psiquismo humano! No entanto, o testemunho de cada indivíduo, judeu ou não, mesmo situado em um mesmo agrupamento social, possui a sua experiência e vivência.

Essas mediações entre Indivíduo-Coletivo também se encontram nos relatos de estudantes, em situações de violência, de subalternidade, de racismo, de homofobia no espaço acadêmico _ “todos eles constituem configurações relativamente compreensíveis e individuais” (Elias, 2008: 143).

As denúncias de constrangimentos, humilhações, violência

¹³ Publicado pela 1ª vez em 1947, é considerado como um dos mais importantes testemunhos dos horrores protagonizados pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial(1944-1945).

física, psicológica, moral ocorridas durante os Trotes Universitários¹⁴ desde 2010 , provocaram a opinião pública, tiraram do limbo situações adversas ao padrão do que se esperava do espaço universitário.

Entre março- agosto de 2022, as denúncias de Assedio nas Universidade do estado de São Paulo provocaram indignação e levou a instalação de uma nova Comissão de Sindicância, convocada pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo/ALESP¹⁵. A pandemia-COVID e a suspensão das aulas presenciais, que passaram a ser remotas, através de “lives”, não impediu que mesmo diante do distanciamento físico, as Ouvidorias locais da UNESP recebessem inúmeras denúncias individuais e de Coletivos estudantis da UNESP que passaram a atuar no espaço público, externo exigindo medidas judiciais¹⁶.

Uma série documental intitulada “Rompendo o Silêncio”¹⁷ , de 2021, veio reforçar a existência de uma cultura de violência crescente no ambiente universitário brasileiro. As pesquisas em números

¹⁴ Festas Universitárias com objetivo de inserir os estudantes , aprovados nos Cursos de Graduação, após a Seleção de Vestibular . Eram os “ Calouros” que deveriam passar por ritos de passagem –os trotes - justificados por uma tradição, uma espécie de aceitação de entrada na Academia conduzida pelos veteranos. As provas dessa admissão eram variadas e incluíam além de concursos de bebedeiras, cortes de cabelo, uso de insígnias como “ignorantes, burros...” Muitas dessas práticas nocivas chegaram a produzir mortes, crimes sem intenção.

¹⁵ Comissão Parlamentar de Inquérito constituída com a finalidade de apurar denúncias de violência sexual praticada contra estudantes de instituições de ensino superior no estado de São Paulo, 2020. <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/arquivoWeb/com/com6952.pdf>. Acesso em março de 2021.

¹⁶ “Unesp abre processo administrativo para investigar denúncias de assédio sexual de alunos contra professor” 26/01/23. <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2023/01/26/unesp-abre-processo-administrativo-para-investigar-denuncias-de-assedio-sexual-de-alunos-contr-professor.ghtml>. Acesso em 30/01/23.

¹⁷ A série estreio na rede HBO MAX. E com a participação de especialistas importantes como a cientista política Djamilia Ribeiro, os ex-ministros da Educação Renato Janine Ribeiro e José Goldemberg e a professora e co-fundadora da Rede Não Cala /USP Ana Flávia d’Oliveira, fomentaram ainda mais a temática através de episódios que destrincharam problemas como trotes, violência sexual, assédio sexual, violência moral, psicológica e discriminação <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/09/serie-rompendo-o-silencio-denuncia-discriminacao-e-violencia-nas-universidades.shtml>

evidenciaram o aumento de casos graves e a vivência das vítimas, “sobreviventes”, além da opinião de profissionais sobre as violências mencionadas.

As pesquisas desenvolvidas junto ao LIEG/UNESP (2018-2022), seja de Iniciação Científica/IC e Doutorado¹⁸ adensaram a produção de conhecimentos, de uma metodologia da oralidade e de subjetividades a partir do ato de ouvir as reclamações/queixas.

No âmbito da UNESP, propostas de Projetos Acadêmicos em parcerias com especialistas por área, como o “Educando para a Diversidade”¹⁹, a aproximação com os Coletivos, os Grupos Estudantis veio fortalecer ainda mais a discussão teórica e metodológica, ganhando legitimidade e ensejando políticas de ação. Gestores, Ouvidorias nas universidades e o movimento estudantil ensejaram que as situações de Assédio exigiam políticas de urgência e com mais celeridade na burocracia.

Para evidenciar o que identifico de “figurações de sobrevivência” passo a transcrever alguns dos relatos coletados diante do trauma do Assédio, do Racismo, da Violência Física e Psicológica o que me permite observar como as relações de poder da sociedade patriarcal, conservadora reproduz as desigualdades das relações de gênero assimétricas vivenciadas por pessoas, estudantes em geral, em distintos marcadores sociais de gênero, classe, raça, no espaço acadêmico:

¹⁸ Resultados de Projetos PIBIC , finalizados : “Violência de gênero no espaço acadêmico: uma análise dos trotes e festas., 1999 -2016. (8/2017 – 7/2018); Gênero e Representações no Espaço Acadêmico: um olhar através da imprensa e mídias digitais (8/2018-7/2019); O espaço acadêmico. A Ouvidoria/Ouvidorias – “o ouvir especializado”.(7/2019-8/2020) e A Universidade rompendo fronteiras: construindo subjetividades individuais e coletivas na prevenção ao assédio sexual (7/2020 – 8/2021) . Doutorado defendido em 2022: “Descolonizando o Olhar - Representações Visuais e Subjetividades nos Coletivos Universitários contra a Violência de Gênero – 2010-2020.

¹⁹ Colaborou para a conscientização da comunidade acadêmica, para as temáticas, produzindo guias educativos, em colaboração com diferentes pesquisadores na área de cada guia. O conteúdo foi distribuído em formato físico pelos campus da UNESP e também disponibilizados no Portal <https://educadiversidade.unesp.br/>

“Me senti totalmente desamparada. Depois disso, todos os dias eu via aquele homem. E ele fazia questão de me cumprimentar, para me deixar desconfortável”, diz a jovem, que, aos 25 anos, cursa o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal da Bahia (Ufba)”. Alguns meses após o episódio, ela, que é uma estudante negra, abandonou o UFBA .(CORREIO, Janeiro, 2021).

Sou uma estudante de Medicina da UNESP; vim da classe baixa; minha mãe era faxineira. Entrei na faculdade e tenho orgulho.; Será que tenho força para relembrar o que vivi; foi muito violento na minha vida! Lutei para que fosse diferente; fui a favor das cotas para negros e enfrentei perseguições, recebi ataques de tudo quanto é nome; fiquei trancada durante muito tempo por “medo” de sair; perdi aulas e provas! Quase fui jubilada! O que me deu força? Foi a criação de GENIS²⁰ em 2013. (Conversando com os Coletivos estudantis da UNESP, 22/07/2020-LIVE.)²¹

“Os dedos, deslizando pelo corpo e, intrometendo-se dentro da camiseta, acariciavam as costas e ficava brincando com o fecho do sutiã. Os olhos indicavam a minúscula de um beijo indesejado. O professor pediu para uma universitária sentar-se no seu colo; para outra, abriu as pernas e a puxou para perto de sua virilha (2018).(Revista Trip, 19/04/2018)²²

[...] Queremos resgatar essa memória, que ficou esquecida dentro da faculdade, e ressaltar a realidade da Cultura do Estupro: foram 112 casos ocorridos nos últimos 10 anos no quadrilátero da saúde da USP sem qualquer consequência para os estupradores.

²⁰ Genis é um Coletivo das estudantes da UNESP de Botucatu , criado em 2013 frente os abusos e assédios dos estudantes.

²¹ Atividade do LIEG/UNESP com estudantes dos Coletivos em 2020. <https://drive.google.com/file/d/1pyIsY4DHZIdKJEziFkrYESdttMBioMO3/view>

²² Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/estudantes-relatam-situacoes-de-intimidacoes-e-caricias-inapropriadas-professor-nega-acusacao-e-retirada-de-circulacao>.

Lembrando que no Brasil, somente 15% dos estupradores são presos, e apenas 10% dos estupros são denunciados, justamente porque os instrumentos legais não são feitos para defender as mulheres. A nossa luta é todo dia, queremos justiça e não vamos nos calar! (COLETIVO FEMINISTA GENI/Fmusp, 2018)²³.

Ele disse que eu era sujo e fedido, e que não deveria entrar [...] eu segurei o elevadore falei para ele pedir desculpas, que não era assim. Ele ficou dando risada, e depois de dois minutos, foi embora de escada, dizendo que eu era sujo mesmo [...] me senti muito humilhado. Eu só queria chegar lá tranquilo, assistir à aula e voltar para a minha casa. Denunciei na hora, vou ser médico. O princípio da ética médica é não julgar ninguém (G1/SANTOS e Região, 27/08/2021)²⁴.

No dia 02 de junho, o aluno de física da Unesp de Bauru, Rodrigo Leandro, no segundo ano de faculdade cometeu suicídio. Rodrigo foi o segundo jovem negro da instituição a cometer suicídio em menos de um ano. Nada aconteceu. [...] Rodrigo era um homem negro, pobre e estava passando por diversas dificuldades financeiras que prejudicavam seu sonho de conquistar seu espaço em uma das três maiores universidades estaduais do país [...]

Vocês não vão nos matar, não vão nos calar, não vão. Nossos mortos têm voz. Não vai ser em vão. Rodrigo presente! (COLETIVO KIMPA, UNESP, 2018)

São distintas falas, sentidas, vivenciadas em experiências pessoais, emocionais que não deixam dúvidas sobre o quanto é necessário uma inserção, uma atuação concreta mais enérgica das Universidades com a propositura de Políticas de Inclusão e de combate à toda forma de

²³ O GENI da Medicina da USP, foi criado em 17/04/2014 como resposta à violência que ocorre nos nossos ambientes. <https://www.facebook.com/coletivofeministagenidafmusp/>

²⁴ Caso ocorrido e denunciado na Universidade de Cubatão/SP <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2021/08/27/estudante-negro-denuncia-colega-que-o-impediu-de-entrar-em-elevador-de-faculdade-sujo-e-fedido-nao-entra.ghtml>

exclusão.

Os resultados das pesquisas realizadas pelo LIEG/UNESP, no período de 2010 – 2022, a produção de conhecimentos referenciais²⁵, a participação em eventos nacionais e internacionais, a construção de parcerias acadêmicas seja no Brasil como no exterior, possibilitaram colocar em pauta uma discussão as temáticas silenciadas por tanto tempo, como: a violência de gênero, a violência psicológica, o assédio, o racismo, a LGBTQ+fobia e as identidades de pessoas trans.

A partir de 2022, como docente feminista unespiana, posso afirmar que tivemos avanços significativos com o fortalecimento da Ouvidoria junto à Reitoria e das Ouvidorias Locais, nos campi, a recente criação de uma Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade/CAADI diretamente ligada a Reitoria²⁶ e a PORTARIA UNESP Nº 68, DE 26 DE JULHO DE 2022 que instituiu a “Política Educativa de Enfrentamento ao assédio moral, assédio sexual, importunação sexual, formas de discriminações e preconceitos em relação à origem, cor, gênero, orientação sexual, religião ou crença, nível socioeconômico, condição corporal física ou psíquica no âmbito da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP”

Retomo o objetivo desse artigo frente à Violência de Gênero na Universidade: é preciso falar, reclamar e enfrentar!!!

"Não devíamos ter medo de ter aula. E principalmente mostrar que temos muita força como estudantes, somos mais de seis mil na Unesp de Bauru. Nós temos voz, o movimento estudantil nunca parou e precisa cada vez mais engajar. Não podemos

²⁵ LIEG organizou um Dossiê I-"Violência de Gênero na Universidade", publicado na Revista do IPPMar/UNESP. v. 8 (2022): Edição Especial:
<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RIPPMAR>
<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RIPPMAR>

²⁶ O CAADI, criado pela RESOLUÇÃO UNESP Nº 07, DE 26 DE JANEIRO DE 2022, e dentre seus objetivos, destaco o 1º: “coordenar e articular ações coletivas, colaborativas e participativas para o enfrentamento e a redução das diferentes formas de violência e discriminação no interior da Universidade; <https://www2.unesp.br/porta/#!/caadi/equipe/objetivos/>

aceitarqueissoaconteça",finaliza.” (Estudante da UNESP /Bauru diante da denúncia que instalouprocesso administrativo contra o professor assediador . G1- Bauru Marília , 26/01/2023²⁷

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo, Boi Tempo, 2008
- AHMED, Sara . *Complaint!* Durham: Duke University Press, 2021. 376 pp.
Published online by Cambridge University Press: 28 February 2022.
- Grada Kilomba, *Memórias da Plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. file:///C:/Users/Usuario/Downloads/170783-Texto%20do%20artigo-417584-4-10-20200708.pdf
- Grada Kilomba "*Descolonizando o conhecimento*" Uma Palestra- Performance de Grada Kilomba, 2016 - <https://www.youtube.com/watch?v=dGgzqLuXVns>
- LEÃO, Andréa Borges e PAIVA, Antônio Cristian Saraiva Paiva. *Figurações de sobrevivência em Primo Levi*. Diálogos com Norbert Elias. ARQUIVOS ,V. 25 N. 32 (2020): PRIMO LEVI /ENSAIOS. <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/177048>
- LEVI, Primo. Os Afogados e Sobreviventes. Editora paz e Terra, 1990
- LEVI, Primo. *É isto um Homem ?* Rio de Janeiro, ROCCO, 1988
- POSSAS, Lidia (Org) “Dossiê I- Violência de Gênero na Universidade”. IN: Revista IPPMar .v. 8 (2022): Edição Especial:
<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RIPPMAR/issue/view/713JAPIASSU>,
H. *Introdução ao Pensamento Epistemológico*.7.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.

²⁷ Ver <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2023/01/26/unesp-abre-processo-administrativo-para-investigar-denuncias-de-assedio-sexual-de-alunos-contra-professor.ghtm>. Acesso em 24/01/2023